



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A tragédia da mineração

Fiquei de prontidão para assistir ao documentário *Lavra*, dirigido por Lucas Bambozzi, no Canal Brasil, em cartaz pela mostra competitiva do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Valeu a pena. Na verdade, o documentário sobre o desastre ambiental no território da mineração, em Mariana e em Brumadinho, parece um filme de ficção científica distópica, com as imagens apocalípticas e aterradoras da natureza destrocada.

A atriz Camila Motta, que conduz a narrativa, não é uma personagem neutra;

ela mergulha de corpo inteiro na lama tóxica, na paisagem roubada, nos rios envenenados, na mitologia dos índios e nas vidas destrocadas, abalando a nossa indiferença olímpica.

Em Governador Valadares, os moradores fazem filas enormes para comprar água mineral, pois a dos rios é inadequada para o consumo humano; uma mulher afirma que os donos das grandes empresas diziam que abaixo da represa só existia mato ("então, nós somos bichos"); uma outra mulher conta que, com a chegada das mineradoras, aumentou a poluição dos rios, a dificuldade para cultivar plantas, a insegurança, os roubos e outras formas de violência.

A tragédia se delinea a partir dos depoimentos dos desvalidos, dos trabalhadores

das empresas, dos sobreviventes da hecatombe, dos moradores vizinhos das sedes das empresas e dos que resistem ao projeto insustentável da mineração. Se revela pela voz dos que não têm voz e se mistura com a vida de cada habitante.

É significativo que o nosso maior poeta, Carlos Drummond de Andrade, tenha empreendido uma batalha titânica contra a mineração predatória, com as armas que tinha: a crônica e a poesia. "Sempre se chamou a indústria da mineração de 'indústria ladra', porque ela tira e não põe, abre cavernas e não deixa raízes, devasta e emigra para outro ponto".

Lavra complementa, atualiza e amplia o trabalho de Drummond. Revela a lucidez e a clarividência com que o poeta antevia um futuro desolador. Não se trata de um acidente isolado. A mineração

é um projeto que destrói todas as pontes com o futuro e leva ao abismo.

O filme lança um novo olhar sobre cenas que assolaram nossas retinas. A nossa cobertura jornalística tem sido muito burocrática ante a magnitude dessa catástrofe. Mariana e Brumadinho são tragédias concretas e, ao mesmo tempo, metáforas do Brasil. Fenômenos semelhantes ocorrem na Mata Atlântica, na Amazônia e no Cerrado. Se a flexibilização deu certo em Brumadinho e em Mariana por que não daria em outros lugares e em outras esferas da vida brasileira?

Camila traça uma cartografia pungente da trama de um projeto fadado ao colapso. Não é um filme panfletário; é serenamente indignado e, tragicamente, poético. Mas, por isso mesmo, nos atinge em cheio. Esse filme deveria ser visto, não na

sessão coruja, mas em horário nobre para todos os brasileiros. É uma aula de civismo, que sensibiliza e convoca à ação. Em vez de punição, a Companhia Vale do Rio Doce ganhou um desconto no valor de 17 bilhões nas reparações que tinha de fazer em Brumadinho.

Paulo Emílio Sales Gomes criou a Semana do Cinema Brasileiro, matriz do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, entre outros objetivos, para que as autoridades instaladas na capital se conscientizassem sobre as grandes questões do país.

O filme é uma nova inconfidência mineira, em favor do Brasil. Saímos de dentro daquela lama tóxica, arrasados, no entanto, também fortalecidos pelo espírito de resistência dos mineiros para empreender uma luta contra esse projeto insustentável e insano.

SOLIDARIEDADE / Durante o fim de ano, famílias de várias regiões migram para o centro de Brasília para conseguir doações como roupas, alimentos e itens básicos de sobrevivência

Em busca de qualquer ajuda

» EDIS HENRIQUE PERES

Capital do Brasil poderia ser conhecida pela cidade dos contrastes. A pobreza, às vezes, mora bem perto das regiões ricas. Na 601 Norte, próximo ao Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen), um grupo de moradores enfrenta o desafio de depender de materiais recicláveis e doações para sobreviver. Em barracas de madeira e lona, famílias inteiras se abrigam. A reportagem flagrou um grupo ao redor do fogão a lenha, por volta das 11h, para cozinhar o feijão que seria o almoço do dia. "É o que tem para hoje (ontem). Mas a gente não tá reclamando, não. Vamos fazer um arroz e uma abóbora", contou Isabela Nascimento, 39 anos, mãe de quatro filhos. A mulher conta que trabalhava como diarista, mas com a chegada da pandemia, a patroa ficou doente e ela perdeu o emprego. "Tem gente que passa e ajuda, tem outras que acham que estamos aqui porque queremos", diz.

Isabela mora há dois anos no assentamento próximo ao late Clube, mas vem para a 601 Norte, pois o local é mais fácil de conseguir as doações de alimentos e roupas. "Aqui a gente precisa muito de calçado, roupa, comida. Também de cobertor, porque choveu e molhou o que a gente tinha e não dá para secar, então, está bem difícil. Material escolar também é bom. Tudo que a pessoa puder doar, já ajuda", avalia.

Durante o tempo que a equipe de reportagem se juntou aos moradores para conversar, a família conseguiu um único pequi para colocar no arroz. "Ao menos vai dar um gosto", garantiu a mulher. O sonho de Isabela é ser contemplada com uma casa do governo. "No ano que vem, eu queria ter uma casa ou, quem sabe, ter condições de pagar um aluguel. Tirar meus filhos dessa vida. Não quero que eles vivam aqui não. Uma casinha ao menos. Tanta gente ganha muito sem nem precisar. E a gente aqui. Tento há anos uma moradia. Nunca fui contemplada", afirma.

Para alimentar o fogão a lenha, o marido de Isabela, Francimar dos Santos, 35, trouxe pedaços de madeira. "Trabalho com recicláveis, que dá para ajudar a juntar um pouco de dinheiro. Mas tenho fé de

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Pessoas carentes que migram para áreas verdes do DF para pedir cestas e alimentos

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Isabela: "Tem gente que acha que estamos aqui porque queremos"

que Deus vai tirar a gente dessa. O Deus que a gente crê é um Deus vivo", acrescenta.

Religiosidade

Quem também partilhava o almoço era Ana Maria Paiva, 43. Devota, usava brincos de Nossa Senhora Aparecida. "Se a gente não se apega com Deus, não sobra

nada. É Ela que vai proteger a gente com o manto sagrado", ressalta. Ana diz que os planos para 2022 é conseguir doações para melhorar de vida com os netos. "Estamos precisando muito de um carrinho de bebê usado, o que temos aqui está amarrado com cordinha. O bebê tem 2 meses de vida e, além dele, tenho quatro netos. Eu só queria dar uma condição melhor

para eles. Tenho um barracinho de madeira descendo lá para baixo, agora estou tentando reunir doações de janela, porta, vaso, qualquer coisa assim, já serve. No ano que vem, eu quero deixar ele arrumado", salienta.

Apesar das dificuldades, o grupo não deixou de lado o espírito de Natal e se reuniu para decorar uma pequena árvore à beira da via da Asa Norte. Eles reforçam: "Não podemos ser gananciosos". Pela manhã, um carro parou e deixou uma sacola de roupas para os moradores. Não houve briga entre eles. "Aqui é assim, se cabe em mim, fica comigo, se é uma roupa que cabe nela fica com ela. Tudo é dividido. Da mesma forma, se a gente sabe que caberia em uma amiga, a gente vai lá e leva", garante Ana.

Para conseguir água para o banho e alimentação, os moradores também contam com a ajuda do Instituto Bíblico de Brasília Divino Mestre. "O padre de lá colocou uma torneira bem perto da grade. Aí, quando a nossa água está acabando, a gente vai lá, com o carrinho, encher os galões. É assim que conseguimos água para

beber, lavar as roupas e tomar banho", conta Isabela.

Auxílio

Questionada sobre as ações realizadas para mitigar esse tipo de problema social, a Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) disse que, por meio do Serviço Especializado de Abordagem Social (Seas), os bolsões de concentração de população em situação de rua do DF são acompanhados. "As equipes fazem a abordagem, na qual apresentam os serviços, programas e projetos. Pelos dados de outubro, 2.328 pessoas se autodeclararam em situação de rua no DF. O Seas é um serviço que atende pessoas em situação de rua nos espaços públicos do DF e realiza ações para identificar situações de risco social", detalha.

Segundo a pasta, atualmente há 28 equipes de abordagem social. "O contato de acolhimento pode ser acionado pelo telefone 3773-7606. É importante destacar, porém, que a Sedes não retira compulsoriamente pessoas em situação de rua. O trabalho visa ao convencimento por meio da apresentação

dos serviços da Política de Assistência Social. Em 2020, o GDF lançou o Programa Prato Cheio que concede o valor, por seis meses, de R\$250 para aquisição de produtos alimentícios. Atualmente, são 38 mil beneficiários. Outro aporte financeiro que o GDF lançou recentemente para a população mais vulnerável da capital federal é o Cartão Gás, no valor de R\$100, que atende 70 mil famílias. Além disso, os 14 Restaurantes Comunitários das cidades fornecem alimentação, de segunda a sábado, das 11h às 14h, ao custo de R\$1. As pessoas em situação de rua podem retirar suas refeições de forma gratuita", informa.

Humildade

Na avenida próximo à Universidade de Brasília (UnB), Cristina*, 21, vive com os dois filhos de 4 anos e 4 meses. A pandemia bagunçou os planos da jovem que tinha voltado a estudar no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) em 2020. "A gente aqui precisa das coisinhas de criança, fralda, essas coisas. Mas também de produtos de higiene", informa. A moradora, apesar dos desafios, garante: "No ano que vem vou voltar a estudar, terminar o EJA e talvez conseguir algo melhor. Estou esperando ser sorteada nos programas de casa própria do governo".

Maria de Fátima Ribeiro, 34, mora em um barracinho de madeira no assentamento de Santa Luzia, mas teve o botijão de gás roubado e, atualmente, passa os dias com o neto no barraco de lona próximo a Casa do Estudante da UnB. "Queria conseguir ganhar um botijão de gás para ter meu fogão, isso era o que mais precisava nesse momento. Porque as pessoas levaram o que eu tinha e agora não ficou nada. Mas roupa e alimento também a gente precisa. Na verdade, tudo que a gente ganha é bem-vindo. Aqui mesmo é bem difícil conseguir água, porque nem todo mundo que a gente pede nos recebe", lamenta.

Apesar dos desafios, Maria pontua: "Para o próximo ano não tem muito o que pedir além de muita saúde. Nada de luxo, nem que a gente esteja sentado em um meio fio, mas se tiver todo mundo feliz, é o que importa", finaliza.

* Nome fictício a pedido da entrevistada

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Ana Maria: "Estamos precisando de um carrinho de bebê usado"

Casa Azul leva Prêmio Melhores ONGs

A Casa Azul Felipe Augusto recebeu, nesta quinta-feira (9/12), o Prêmio Melhores ONGs entre as 100 organizações brasileiras do terceiro setor vencedoras em 2021. As instituições foram escolhidas pelas boas práticas em quesitos como governança, transparência, comunicação e financiamento. Há mais de 30 anos, a Casa Azul Felipe Augusto atua no combate às desigualdades sociais prestando assistência a crianças, adolescentes e famílias do Distrito Federal, das comunidades de Samambaia, Riacho Fundo 2, São Sebastião e Vila Telebrasília.

Segundo a presidente da Casa Azul, Daise Lourenço, é a quarta vez seguida que a instituição ganha o prêmio. "Para a gente, é muito bom porque dá uma visibilidade do trabalho que a gente faz, pois passamos a ser reconhecidos não só pelo poder público, mas para as empresas privadas, que percebem o trabalho sério da instituição", comemora. O Prêmio Melhores ONGs é realizado pelo O Mundo que Queremos, pelo Instituto Doar e pelo Ambev VOA, com apoio de pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV), do Instituto Humanize e do Canal Futura.

Divulgação

